

Arroz para exportação movimentou 60 mil toneladas

Compras a R\$ 90 por saca no porto ajudam a sustentar cotações, mas produtores recebem menos

/ COMÉRCIO EXTERIOR

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A retomada das compras de arroz para exportação no Rio Grande do Sul pode ter movimentado entre 50 mil e 60 mil toneladas nos últimos dias, segundo estimativa do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). As negociações, realizadas por três tradings a aproximadamente R\$ 90,00 por saca no porto, ajudaram a conter a pressão de queda sobre os preços em um momento de baixa procura no mercado interno. A reação, entretanto, ainda não representa uma recuperação da rentabilidade dos produtores, que recebem valores menores após os descontos de transporte e outras despesas.

O volume estimado equivale a 1 milhão a 1,2 milhão de sacas de 50 quilos. O diretor comercial do Irga, Juandres Antunes, ressalta que as quantidades efetivamente adquiridas não foram divulgadas, mas considera significativa a movimentação diante da retração das compras do varejo junto às indústrias e das dificuldades de financiamento em um cenário de juros elevados. “Isso ajudou um momento para não cair o mercado interno”, afirma.

A retomada havia sido anunciada pela Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz). Segundo o presidente da entidade, Denis Dias

Nunes, as oscilações do dólar levaram os compradores a suspender temporariamente as operações. “O mercado deu uma parada, até porque, com a mudança do dólar, os players deram uma segurada nas negociações”, relata Nunes.

Embora as compras tenham ocorrido em torno de R\$ 90,00 por saca, esse não é o valor recebido pelos arrozeiros. A cotação corresponde ao produto colocado no porto, antes dos descontos de frete, contribuições ao Senar e à taxa CDO e perdas operacionais. Conforme Antunes, nas condições mais favoráveis, o produtor recebe entre R\$ 85,00 e R\$ 86,00. Na Fronteira Oeste, onde o frete é mais elevado, o valor cai para R\$ 80 a R\$ 82, patamar que, segundo ele, mal cobre os custos de produção, mesmo nas propriedades mais produtivas.

A perspectiva de continuidade das compras divide as avaliações dos especialistas. Antunes acredita que a menor oferta de arroz longo-fino nos Estados Unidos poderá favorecer o produto brasileiro. Segundo ele, a redução da colheita norte-americana dessa variedade supera 25%, contribuindo para sustentar os preços internacionais. A valorização em dólares, porém, não se traduz integralmente em melhores preços ao produtor brasileiro devido ao câmbio.

Já o analista de arroz da Safras & Mercado, Evandro Silva, considera as operações recentes pontuais e avalia que ainda



MANUEL AFFONSO/IRGA/JC

Semeadura alcançou 36,83% da área prevista no RS até 15 de outubro, mas chuvas provocam atrasos

não representam uma recuperação consolidada das exportações. Com o dólar próximo de R\$ 5,00, o produto brasileiro enfrenta dificuldades para competir no mercado internacional.

“Dólar a R\$ 5,00 não tem condição de fechar o negócio para exportação. Por enquanto, negócios bem pontuais.” Segundo a consultoria, a programação de embarques de outubro inclui uma carga de 35 mil toneladas de arroz em casca para o México, prevista para o dia 23. No início do mês, foram embarcadas 25 mil toneladas de arroz quebrado para a Gâmbia e 9,5 mil toneladas para o Senegal.

O comércio exterior ajuda a explicar as dificuldades para recuperar os preços. Entre março e setembro, o Brasil exportou 1,1 milhão de toneladas, ante aproximadamente 920 mil toneladas

no mesmo período da temporada anterior. As importações também cresceram, de 887 mil para 1,1 milhão de toneladas, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior apresentados pela Safras & Mercado. Assim, o saldo entre os volumes exportados e importados ficou positivo em apenas 22 mil toneladas.

Na avaliação de Silva, seria necessário um superávit de pelo menos 500 mil toneladas para reduzir de maneira mais significativa os estoques. Mantido o ritmo atual de comercialização, ele projeta que o Brasil poderá chegar ao final do ano com aproximadamente 3 milhões de toneladas estocadas.

O Irga trabalha com uma perspectiva mais favorável. Antunes acredita que os embarques poderão manter um ritmo consistente até dezembro, enquanto as

importações tendem a perder força. O diretor observa que as exportações de arroz beneficiado estão abaixo da média, em parte pela concorrência dos países vizinhos, enquanto o produto em casca encontra melhores condições de comercialização.

Para 2027, Antunes vê perspectivas de preços internacionais mais elevados, condicionadas à oferta e às condições climáticas nos países produtores. Silva, por sua vez, considera que os estoques internacionais ainda elevados deverão limitar uma valorização mais expressiva. No mercado interno, a resistência dos agricultores em vender aos preços atuais também ajuda a sustentar as cotações, enquanto a indústria enfrenta dificuldades para atender aos valores pedidos e o varejo permanece abastecido.

Chuvas atrasam semeadura em parte do Rio Grande do Sul

Enquanto o setor tenta ampliar as exportações, a implantação da safra 2026/2027 enfrenta dificuldades provocadas pelas chuvas e baixas temperaturas. Levantamento do Irga, atualizado em 15 de outubro, mostra que o Estado havia semeado 317,4 mil hectares, equivalentes a 36,83% dos 861,8 mil hectares previstos.

O avanço é desigual. Na Fronteira Oeste, 65,9% da área estava semeada, enquanto na Zona Sul o percentual chegava a 62,1%. Nas demais regiões, variava de 10% na Campanha a 18,1% na Planície Costeira Interna.

O presidente da Federarroz, Denis Nunes, alerta que os números regionais escondem atrasos localizados, especialmente em

municípios como Arroio Grande, Pelotas e Rio Grande. As chuvas dificultam a entrada de máquinas e o preparo do solo, enquanto as baixas temperaturas prejudicam a emergência das plantas.

Em Uruguaiana, onde a prefeitura decretou situação de emergência na sexta-feira (16) devido às inundações, o dirigente afirma não ter informações de danos significativos às lavouras. Segundo ele, os produtores evitaram semear nas áreas mais sujeitas a alagamentos, diante das previsões de El Niño. Nunes considera que, dependendo da região, ainda é possível plantar até o começo semana de novembro sem comprometer significativamente a produtividade.

“Dá para ir até a primeira se-



RAQUEL FLORES/IRGA/DIVULGA??O/JC

Consultoria Safras & Mercado projeta produção do cereal inferior a 7 milhões de toneladas

mana de novembro tranquilamente. Ainda se consegue produtividade de boa”, afirma o dirigente.

Evandro Silva, da Safras & Mercado, alerta que a persistência das chuvas e da baixa luminosida-

de pode prejudicar o desenvolvimento das lavouras. A consultoria projeta produção gaúcha inferior a 7 milhões de toneladas na próxima safra.

Além das condições climáti-

cas, a Federarroz aponta dificuldades de acesso ao crédito, com negociações bancárias avançando lentamente em um momento de custos elevados e margens apertadas para os produtores.